

UNIFACCAMP UNIVERSIDADE CAMPO LIMPO PAULISTA

Centro Universitário Campo Limpo Paulista

Psicologia

AS DIVERSAS FORMAS DE LUTO DAS PESSOAS COM 60 ANOS OU MAIS

JANE CRISTINA DOMENEGHETE ESTANISLAU

Campo Limpo Paulista

2021

JANE CRISTINA DOMENEGHETE ESTANISLAU

AS DIVERSAS FORMAS DE LUTO DE PESSOAS COM 60 ANOS OU MAIS

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pela Universidade Unifaccamp Campo Limpo Paulista.

Orientador: Profº Matheus Vinícius de Oliveira

Campo Limpo Paulista

2021

JANE CRISTINA DOMENEGHETE ESTANISLAU

AS DIVERSAS FORMAS DE LUTO DE PESSOAS COM 60 ANOS OU MAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro
Universitário de Campo Limpo Paulista como requisito
parcial para obtenção do certificado de conclusão do
Curso de Psicologia sob a orientação do Prof. Matheus
Vinicius de Oliveira

Aprovado em ____/____/____

Banca Examinadora:

*Corremos a vida inteira
Atrás de sei lá de que.
Fazemos tanta besteira,
Tanta coisa sem poder.
Viramos de mil maneiras
Pra agradar, por bem querer,
Ai meu Deus!..., Quanta tolice!
Quando estamos na velhice
Quase ninguém quer nos ver...*

Jenario de Fatima

AGRADECIMENTOS

Agradeço a oportunidade de aprender e poder concretizar esse sonho de maneira tão especial. Agradeço às pessoas que mais amo: meus pais, pela minha vida, meu querido marido Marco, pela sua paciência e cumplicidade, além de seu apoio que foi fundamental nessa jornada, meu amado filho Lucas, que me mostrou que eu posso e que me ensina a ser uma pessoa melhor a cada dia, minha querida nora Danielly, que se tornou minha filha, pelo seu carinho e cuidado. Por fim, agradeço a meus professores do curso de Psicologia da Unifaccamp e, em especial, meu orientador, Matheus Vinícius de Oliveira, pela sua paciência e dedicação na maneira de ensinar.

Dedico este humilde trabalho a todos os que foram e ainda são muito importantes na minha vida, em especial meu pai Sr. Valdemar Domeneghete de quem eu tenho muito, e minha sogra Sra. Benedita Aparecida Barbieri que muito me ensinou.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar as principais formas de luto vivenciadas pela pessoa com 60 anos ou mais. Buscaremos investigar de que forma os chamados lutos reais e os lutos simbólicos afetam a experiência da velhice pela pessoa idosa, bem como destacar as principais diferenças e implicações desses dois tipos de processos psicológicos. Consideraremos, portanto, dimensões não apenas subjetivas e emocionais, como também aspectos sociais que se refletem e têm incidência nos processos de luto durante a velhice.

Palavras chave: Envelhecimento; Luto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
JUSTIFICATIVA.....	11
OBJETIVOS GERAIS.....	12
METODOLOGIA.....	13
CAPÍTULO 1. SE DESCOBRINDO VELHO.....	14
CAPÍTULO 2. AS DIVERSAS FORMAS DE LUTO.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	23

INTRODUÇÃO

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer.

Arnaldo Antunes, *Envelhecer*, 2009.

É fato que o envelhecimento, como escreveu o poeta Arnaldo Antunes, é um processo natural no desenvolvimento humano. Contudo, este processo traz questões delicadas no que diz respeito a seu enfrentamento, visto que traz consigo além do medo iminente da morte, que é inevitável para todos, as diversas perdas subjetivas e reais. Entre todas as perdas possíveis, podemos citar as de identidade do ser, que são consideradas perdas simbólicas, e que o sujeito enfrenta diante da finitude da vida (KREUZ; FRANCO, 2017).

No entanto, durante nossa vida sofremos essas perdas de maneira natural à medida que nos desenvolvemos. Um exemplo disso é quando deixamos de ser crianças para nos tornarmos adolescentes, ou mesmo deixamos de ser adolescentes para nos tornarmos adultos. Diante de tal processo inexorável, quase nunca nos damos conta de que sempre estamos deixando de ser algo para nos tornarmos algo. Freud defende que essas perdas podem ser comparadas a um processo de luto. (FREUD, 1915).

Segundo Beauvoir (1990), o sujeito, através da perspectiva da velhice e da morte, se depara com a possibilidade da finitude de sua própria vida, já que nos reconhecemos através do outro:

A velhice aparece com maior clareza aos olhos dos outros que aos do próprio sujeito; é um novo estado de equilíbrio biológico: quando a adaptação se opera sem choques, o indivíduo não se dá conta do envelhecimento (BEAUVOIR, 1990, p. 8).

Simone de Beauvoir fala em seu livro *A Velhice* (1990) sobre como a sociedade encara o idoso, sobre as percepções, muitas vezes preconceituosas, com as quais o meio social enxerga esse grupo. A autora também aborda as perdas envolvidas no processo de envelhecimento pelo qual passa o ser humano, sendo que essas perdas se experienciam não somente na dimensão do físico, mas do cognitivo e do psicológico, com as limitações quanto a autonomia em seu ir e vir.

Os dados coletados em um estudo realizado em 2015 pelo IBGE colaboram com os achados decorrentes dessas perdas no processo de envelhecimento descritos por Beauvoir (1990). Segundo o estudo da entidade, 17,3% das pessoas acima de 60 anos têm algum tipo de

limitação para exercer tarefas simples e diárias, como por exemplo fazer compras, ou ir a uma consulta médica. É importante destacar que juntamente com as limitações físicas, essas pessoas enfrentam as perdas simbólicas e podemos citar, a aposentadoria, seguido das perdas sociais e, com isso, as perdas das identidades que exerceram ao longo de suas vidas, como os papéis de esposa, mãe, marido etc. Assim, ao se depararem na velhice com a solidão, é difícil a tarefa de ressignificar a vida, quando os cônjuges se foram, os filhos saíram de casa e a casa que antes era um lugar de barulhos e encontros, tornou-se um espaço enorme de vazio, cheio de recortes e lembranças de uma vida que passou. (MACGOLDRICK & WALSH, 1998).

É nessa hora que o idoso se sente desvalorizado e inútil, além de se sentir um peso para os familiares e para si próprio e com isso ele sai de cena, se isola em seus próprios pensamentos e se alimenta somente de suas histórias e lembranças, como retrata Ecléa Bossi em seu livro *Memória e Sociedade, Lembrança de Velhos*:

O velho é alguém que se retrai de seu lugar social, e este encolhimento é uma perda, um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrair suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo. (BOSI, 1994, p. 83).

Diante disso, Mirian Goldenberg, enfatiza que nessa hora é preciso ressignificar a vida, é fundamental quebrar as amarras dos conceitos de velhice, bem como se empoderar do verdadeiro significado do “sou velho e daí?”, conquistando assim “A Bela Velhice”. (GOLDENBERG, 2013).

JUSTIFICATIVAS

Justificativa pessoal

A maneira como entes queridos vivenciam as diversas formas de luto enfrentadas na velhice e buscam soluções psicológicas e materiais para esses processos são alguns dos fatores que motivaram a autora do presente trabalho. A percepção de que a pessoa idosa lida com significativas perdas não só de parentes, mas também de identidade ao longo do processo de envelhecimento move minhas investigações acerca do tema.

Justificativa social

A análise das principais formas de luto vivenciadas pela pessoa com 60 anos ou mais, seja na dimensão real ou simbólica, se faz de grande importância ao detectarmos os diversos desafios psicológicos e sociais pelos quais esse grupo etário passa durante tal fase da vida. O rechaço que o indivíduo idoso encontra em seu meio social o afeta em diversas áreas. Uma investigação desses processos, levando em conta os aspectos socioeconômicos que envolvem o envelhecimento na sociedade pode apontar para caminhos de como enfrentar e solucionar as questões postas neste momento da vida.

Justificativa acadêmica

Ainda que os temas velhice e luto sejam recorrentes nos meios acadêmicos e tenhamos uma vasta literatura de pesquisa, o presente estudo se faz pertinente para avaliarmos as formas como indivíduos com 60 anos ou mais lidam com as questões evidenciadas e para apresentarmos novas reflexões sobre as dimensões reais e simbólicas dos lutos vividos pelas pessoas com 60 anos ou mais.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

- Detectar e analisar as principais formas de luto vivenciadas pela pessoa com 60 anos ou mais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Investigar os chamados lutos simbólicos e reais vivenciados por pessoas com 60 anos ou mais;
- Realizar uma reflexão, a partir dos referenciais teóricos de Sigmund Freud, Simone Beauvoir, Ecléa Bosi, Mirian Goldenberg e de Elizabeth Kübler-Ross sobre os aspectos sociais e subjetivos (reais e simbólicos) do processo de envelhecimento.

METODOLOGIA

A metodologia para este trabalho foi de pesquisa bibliográfica em artigos publicados e disponibilizados em bancos de dados científicos, sendo possível a partir destes, uma revisão na literatura científica para construção deste trabalho.

Outro recurso lançado como forma de captação de informações foi através de fonte bibliográfica, sendo pertinentes ao assunto sobre o envelhecimento, as obras: *Luto e Melancolia*, de Sigmund Freud; *A Velhice*, de Simone Beauvoir; *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bosi; *A Bela Velhice*, de Mirian Goldenberg; e *Sobre a Morte e o Morrer*, de Elizabeth Kübler-Ross.

CAPÍTULO 1. SE DESCOBRINDO VELHO

Definir o que é “velho”, ou o que é uma “pessoa velha” requer profunda investigação e considerações teóricas acerca dos referidos conceitos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), idoso é a pessoa com 60 anos ou mais, sendo este um limite para os países em desenvolvimento, e 65 anos para países já desenvolvidos, de acordo com o Instituto de Geografia e Estatística (2002).

Ainda no aspecto social do envelhecimento, o Estatuto do Idoso, instituído pela lei Nº 10.741, é importante instrumento para garantir os direitos e a segurança das pessoas com mais de 60 anos. A legislação aborda questões sociais e familiares como saúde, discriminação e violência, seja em âmbito familiar ou não, com pena de detenção ao não cumprimento dessa lei, que varia de 6 meses a 3 anos. (*Estatuto do Idoso*, BRASIL, 2003).

Apesar dos direitos garantidos pelo Estatuto do Idoso e suas formas de integração e promoção da saúde asseguradas pela Política Nacional do Idoso, ainda se observa precarização de políticas sociais com ações voltadas para o indivíduo com 60 anos ou mais, na promoção efetiva de sua autonomia, integração social e participação efetiva em todas as formas de integração socioeconômica, cultural e social, a fim de propiciar ao sujeito condições de vidas dignas ao seu processo de envelhecimento. (HOFFMANN cit in: SANTIN, 2013, p 41).

Simone Beauvoir, traz uma importante questão sobre os processos negativos entre sociedade e a velhice dizendo que “o fracasso de uma civilização poderia ser medido pela maneira como os indivíduos são tratados nos seus últimos anos de vida”. (BEAUVOIR, 1970).

Segundo Simone Beauvoir, em seu livro *A Velhice*, nos damos conta do nosso envelhecimento e nos percebemos velhos através do outro. É quando nos deparamos com a “velhice alheia” que nos damos conta de nossa própria velhice. (BEAUVOIR, 1970, p. 305).

Nesse sentido, Beauvoir, ao citar Goethe, nos traz elementos fundamentais para pensarmos acerca de nosso objeto de pesquisa: “a idade se apodera de nós de surpresa”. O caráter, de certa forma, inédito da surpresa causada pela passagem do tempo parece claro quando, de repente, as pessoas se descobrem “velhas”.

O fato é que, quando jovens, não pensamos em nossa velhice, ou melhor, não pensamos que vamos envelhecer, temos a sensação onipotente da juventude. Sobre isso, Beauvoir cita o psicanalista Martin Grotjhan que diz:

Nosso inconsciente ignora a velhice, Ele alimenta a ilusão de uma eterna juventude. Quando essa ilusão é abalada, provoca em inúmeros sujeitos um traumatismo

narcísico que gera uma psicose depressiva. (GROTJHAN, cit. in: BEAUVOIR, 1990, p. 306).

Simone ainda destaca que a sociedade sente uma repugnância à velhice e essa espécie de asco é sentida sobre nós mesmos quando começamos a envelhecer e esta ideia nos leva a crer que a velhice seria um tipo de ofensa a nosso ego. (BEAUVOIR, 1990, p. 185).

O fato é que, se por um lado o envelhecimento é um processo natural e inevitável aos que têm a sorte de uma vida longa, por outro, é fato que causa transformações no indivíduo, inaugurando um período de possíveis perdas, sendo elas físicas, cognitivas, afetivas, dos cônjuges ou de amigos e conhecidos, ou ainda perdas simbólicas, como por exemplo, a perda de identidade, que nos acomete quando na velhice nos retraímos socialmente. (NETO, 1996).

Contudo, se o envelhecimento é um processo natural e inerente aos seres humanos que estão vivos, a arte de “envelhecer” é bem mais difícil e complexa, pois sua própria definição envolve fatores biológicos, emocionais, existenciais, socioculturais, como também um autoconceito em se sentir velho, principalmente para pessoas que foram ativas ao longo de suas vidas. (KREUZ; FRANCO, 2017).

Mercadante cita o artigo de Simone Beauvoir:

A velhice é uma totalidade complexa, e é impossível se ter uma compreensão da mesma a partir de uma descrição analítica de seus diversos aspectos. Cada um dos aspectos reage sobre todos os outros, e é somente a partir da análise do movimento indefinido da circularidade relacional dos vários elementos que se pode apreender da velhice (1990).

Entretanto, a sociedade não está preparada para a velhice ou para ver o velho se tornar velho. A presença de estigmas sociais, como os que pré-determinam funções e permissões a certos grupos sociais, mulheres, crianças e idosos, pode levar a pessoa idosa a se sujeitar a viver uma vida reclusa, pois é o que é “esperado” do idoso, e este sai de cena, se recolhe, achando que a vida que tinha direito de viver, já viveu. É nesse processo de recolhimento, estimulado por fatores sociais externos que ocorre uma ruptura social que contribui significativamente para o isolamento e as perdas significativas do idoso. (GOLDENBERG, 2013).

Diante disso, a velhice é tida como motivo de vergonha e essa determinação da juventude nos é imposta pela mídia como fator determinante em nos mantermos belos e jovens,

como se viver plenamente, com tudo que a vida nos oferece, fosse um privilégio somente da juventude. (DOMINGUES; FREITAS, 2019).

A velhice é um privilégio de quem não foi acometido por uma morte prematura, embora não deixe de também culminar em morte. É fato também que o processo de involução sofrido pelo organismo humano com o passar dos anos é implacável, tornando nossas atividades reduzidas, assim como nossa capacidade cognitiva. Portanto, é possível concluir que negar as transformações da vida seria negar nossa própria existência. (BEAUVOIR, 1970, cit. in: DOMINGUES; FREITAS, 2019).

Contudo, dentre todas as perdas que ocorrem no processo do envelhecimento, a social nos parece a que mais se reflete negativamente no sujeito, uma vez que, inseridos em um sistema capitalista, caracterizado por valorizar apenas a capacidade de produzir e consumir, o sujeito velho é tido como desqualificado, sem importância, como bem demonstra Simone de Beauvoir:

O prestígio do velho diminui muito pelo descrédito da noção de experiência. A sociedade tecnocrática de hoje não crê que, com o passar dos anos, o saber se acumula, mas sim, que acabe perecendo. A idade acarreta uma desqualificação. São os valores associados à Juventude que são apreciados”. (BEAUVOIR, 1990, p. 219).

No livro *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*, Ecléa Bossi cita essa ruptura social como uma significativa perda na vida do indivíduo; e mais, diz que somos seres sociais e precisamos do convívio social. No entanto, quando há essa ruptura, o sujeito idoso tende a ficar à deriva, à margem e com ele, toda a bagagem cultural e pessoal que acumulou ao longo da vida causando assim um empobrecimento à sociedade. (BOSSI, 1973, p. 83).

Sobre isso, Ecléa Bossi diz:

[...] a velhice, que é fator natural como a cor da pele, é tomada preconceituosamente pelo outro. Há, no transcorrer da vida, momentos de crise de identificação: na adolescência também nossa imagem se quebra, mas o adolescente vive em um período de transição, não de declínio. O velho sente-se um indivíduo diminuído, que luta para continuar sendo um homem. O coeficiente de adversidade das coisas cresce: as escadas mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados de carregar. O mundo fica eriçado de ameaças, de ciladas, uma falha, uma pequena distração, são severamente castigadas. (BOSSI, 1973, p. 79).

Com todos esses fatores que contribuem para o isolamento social e para às perdas simbólicas, constatamos no indivíduo que envelhece a falta de alegria, a qual Simone Beauvoir enfatizou, citando Aristóteles: “Eles não sabem mais rir”; e citando o Dr. Baumgartner: “Uma das características mais constantes e mais nítidas, no plano mental do homem que envelhece, é certamente a perda da alegria”. (BEAUVOIR, 1990, p. 482).

Simone ainda enfatiza que a tristeza na velhice não é provocada por algum acontecimento, ela é provocada naturalmente pelo peso dos anos e o fardo que se tornou viver, sendo acometido pela humilhação e o sentimento de inutilidade em um mundo cheio de solidão e abandono. (BEAUVOIR, 1990, p.483).

Fica claro que diante do fato do envelhecimento, parece que a melancolia faz parte da dura realidade ao qual estamos fadados a atravessar junto a velhice e esta pode se apresentar diante das perdas que comumente enfrentamos ou pode simplesmente acometer-nos diante do fato de nos sentirmos velhos. (BEAUVOIR, 1990, p. 515).

Contudo, é fato que a velhice é complexa e que existem ambiguidades no “ser velho” no “estar velho”, se o aceitamos como um ser humano ainda dotado de desejos e ambições, na medida que experienciam a velhice em sua totalidade, com suas limitações e possibilidades, é preciso viver essa fase da vida, de maneira total e desprendida de conceitos já existentes, ou seja, viver a singularidade que nos é permitida enquanto seres humanos. (GOLDENBERG, 2013).

CAPÍTULO 2 - AS DIVERSAS FORMAS DE LUTO

Durante o processo de envelhecimento, e com a percepção do envelhecer, as pessoas são acometidas por diferentes formas de luto, chamadas de lutos antecipatórios, e que estão relacionados à velhice e suas perdas, englobando perdas em um contexto físico, social e intelectual. (KREUZ; TINOCO, 2016).

Nesse contexto, os estudos de Kreuz e Tinoco (2016) sobre o “luto antecipatório”, categoria que aborda a percepção do idoso sobre si mesmo, sobre suas perdas no processo de envelhecimento e a constatação de sua finitude, são de extrema relevância. (KREUZ; TINOCO, 2016).

O termo “luto antecipatório” foi usado em 1944, ao constatar as reações das esposas de soldados que foram para o campo de batalha, pois estavam ligadas diretamente ao processo de morte de seus maridos, antecipando assim o desligamento afetivo a eles. (FONSECA, 2004; PRADE, CASELLATO & SILVA, 2008, cit. in: KREUZ E TINOCO, 2016).

Contudo, o luto pode ter várias definições, mas está sempre ligado aos processos de sofrimentos ocasionados por perdas reais ou simbólicas, como por exemplo às perdas sucessivas que acometem as pessoas durante o processo de envelhecimento, incluindo a perda social e laboral, ou mesmo dos processos de autonomia em que o sujeito perde além de sua produtividade, seu querer. (KREUZ e TINOCO, 2016).

Para Kreuz e Tinoco, o luto é um processo complexo e pode ser definido como a reação à perda de algo ou de alguém, sendo este processo vivido de maneiras singulares, pois exige da pessoa enlutada uma ressignificação, assim como, uma nova adaptação à realidade. (FRANCO, 2010; PARKERS, 1998; WORDEN, 2013, cit. in: KREUZ E TINOCO, 2016)

Ainda sob essa perspectiva, os lutos podem ser um processo gradativo quando ao longo dos envelhecimentos o idoso chega à conclusão de sua própria finitude, gerando com isso necessidade de nova elaboração para um novo sentido da vida (KREUZ e TINOCO, 2016).

Para Freud, o luto é um sentimento que caracteriza a perda efetiva de algo ou de alguém e que não é inconsciente pelo sujeito enlutado, ou seja, quem está sofrendo o luto, sabe exatamente o que perdeu. Apesar de ser um processo natural ao desenvolvimento humano, o autor acrescenta:

O luto é um processo lento e doloroso, que tem como característica uma tristeza profunda, o afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre o objeto perdido, a perda de interesse no mundo externo e a

incapacidade de substituição com a adoção de um novo objeto de amor. (CAVALCANTI, SAMCZUK, BONFIM cit.in: FREUD, 1915).

O luto é vivido de maneira singular, assim como a relação que foi rompida, embora a manifestação de enlutamento esteja ancorada na cultura. (BOWLBY, 1990). No entanto, o luto não é definido apenas no momento da morte, mas também pode ser nomeado e sentido por diversas perdas, sendo reais ou simbólicas, as quais enfrentamos durante nossa vida, experienciadas por aspectos sociais, físicos ou psíquicos. (CAVALCANTI, SAMCZUK, BOMFIM, 2013). Segundo Freud, o indivíduo passa por processos de perdas em diferentes contextos, já que está em constante mudança ao longo do processo de desenvolvimento e que, portanto, está sempre deixando de ser algo para ser outra coisa, processo que é considerado uma forma de luto. (FREUD, 1915).

Diante disso, as perdas simbólicas, ou seja, perdas que não são vivenciadas no cotidiano, destacam as ausências que ocorrem nos domínios corporal, cognitivo e psicológico e as que se devem ao envelhecimento social e à consequente perda de papéis sociais. (BARRETO, 2006).

O impacto das perdas durante este complexo processo é real. Contudo, o sujeito enfrenta perdas como, por exemplo, a aposentadoria, que apresenta uma ruptura no estilo de vida e nas suas atividades, trazendo com isso uma importante perda social e acarretando mudanças significativas ao modo de viver, pois muitas vezes, força o indivíduo a reduzir seus gastos, comprometendo, com isso, sua qualidade de vida. Tal fenômeno acrescenta ao indivíduo um sentimento de inutilidade, já que vivemos em uma sociedade capitalista, a qual nos imprime o dever de produzir e consumir. Ao nos depararmos com uma nova realidade, trazemos um sentimento de culpa e de incapacidade. (KEUZ; FRANCO, 2017).

Não podemos ignorar também o luto gerado pelo fim da vida considerada “produtiva”. Aqui estamos tratando da relacionada ao trabalho formal. Nesse sentido, a aposentadoria significaria por um lado um momento de descanso, mas, por outro, pode ser encarada como uma espécie de luto. Isso ocorre sobretudo quando o processo se dá de maneira compulsória. (DALMOLIN, 2018).

Há ainda o luto como um período de mudanças radicais, que acomete principalmente as mulheres e é chamado pela literatura de “Síndrome do Ninho Vazio”. Tal processo ocorre quando os filhos saem de casa, deixando a mãe com sentimento de vazio, pois associam essa ruptura à perda do papel de cuidadora. Segundo as autoras, junto com esse processo, essas mulheres se deparam com outras mudanças significativas como menopausa e aposentadoria,

agravando assim o sentimento de inutilidade, baixa autoestima e depressão. (SARTORI; ZILBERMAN, 2008).

Há inúmeros fatores que contribuem para esses processos de perdas que também são bastante significativos: a perda da beleza, do vigor físico, da sexualidade e o surgimento de comorbidades, definindo assim o papel do idoso, sem uma vida social e sem perspectivas de futuro. (BROMBERG, 2000; KOVÁCS, & VAICIUNAS, 2008; SILVA, CARVALHO, SANTOS & MENEZES, 2007; cit. in: KREUZ; FRANCO, 2017).

Contudo, os processos de perdas com os quais lidamos no decorrer do processo de envelhecimento podem nos limitar e nos abalar tanto física quanto emocionalmente, pois as limitações, juntamente com nossas doenças e nossa perda de autonomia, nos fazem refletir sobre nossa própria finitude, promovendo o luto simbólico de uma vida que já foi vivida e o processo de enfrentamento desse luto pode potencializar essas perdas. (KREUZ; FRANCO; 2017 cit. in: SUZUKI, ALMEIDA E SILVA, 2014, p. 469).

É diante dessa realidade dos lutos simbólicos já vivenciados durante o processo de envelhecimento e suas limitações que os indivíduos começam a lidar com a morte iminente através das possíveis perdas de entes queridos, cônjuges e amigos. É nessa hora, portanto, que o sentimento de finitude se apresenta, trazendo consigo a dura realidade, como bem argumenta Freud:

A morte constitui uma questão obscura para o homem e que não pode ser remediada e vencida. Ela provavelmente, permanecerá um enigma irremediável para sempre. O fenômeno da morte demonstra, portanto, a grande e imponente força da natureza sobre os homens e expõe os limites da condição humana. (FREUD, *O futuro de uma ilusão*; cit. in: CONCENTINO, VIANA, 2011).

Embora a morte seja um processo natural, o qual todos, sem distinção, vamos passar, ela nos é apresentada de maneira brutal e injusta, incapaz de ser compreendido por nossos meios psíquicos, se convertendo em um fenômeno ao qual relutamos e, talvez por isso, recorremos ao sobrenatural e às religiões. (FREUD, (1928/2006), cit. in: CONCENTINO; VIANA, 2011).

Para Elizabeth Kübler-Ross, “a morte é representada pela sociedade como um tabu”, uma questão mórbida e proibida. A autora argumenta ainda que a sociedade rechaça e repele a morte, pois acha que se trata de um fenômeno de alteridade: “em nosso inconsciente só podemos ser mortos; é inconcebível morrer por causa natural ou por idade avançada”. (KÜBLER-ROSS, 1998, p. 6, cit. in: CONCENTINO; VIANA, 2011).

Contudo, o luto vivenciado pela morte do cônjuge é uma dura realidade, mesmo sendo um luto antecipatório, ou seja, o luto de quem convive anos com a doença do outro. Há neste fato uma ambivalência diante do sofrimento: por um lado, a vontade de que o companheiro(a) sobreviva, por outro, o desejo da morte para que o sofrimento seja interrompido. (OLIVEIRA; LOPES, 2008).

Neste sentido, Kübler-Ross argumenta que “um casal pode ter passado anos brigando, mas quando um deles morre, o outro arranca os cabelos, lamenta, chora, grita, bate no peito em sinal de pesar, medo e angústia”. (KÜBLER-ROSS, 1969, p. 15).

Diante disso, não podemos nunca considerar que exista um único tipo de luto, nem tampouco um tratamento assertivo para ele: é fundamental que a família do enlutado tenha paciência para acolher a pessoa idosa e estabelecer com ela uma comunicação sobre essa perda. Agir para que o enlutado possa reorganizar suas concepções sobre a morte é favorecer um processo de equilíbrio e proporcionar maior qualidade de vida em termos biopsicossociais a esse idoso. (OLIVEIRA; LOPES, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se propor a analisar e detectar as diversas formas de luto vividas pela pessoa com 60 anos ou mais, o presente trabalho busca demonstrar que não apenas no âmbito subjetivo, mas também no campo socioeconômico é que tais processos de perda atingem o grupo etário referido.

Convergir as análises emocionais, de comportamento e sociais nos pareceu fundamental e, em certa medida, inescapável ao nos debruçarmos sobre o tema investigado. Nos parece demonstrado que os problemas que afetam a saúde mental da pessoa com 60 anos ou mais, sendo eles a solidão, a perda de identidade e de propósito social encontram correspondência não apenas no campo subjetivo e emocional, mas também no social, se traduzindo nas dimensões reais e simbólicas do luto por nós analisadas.

Chegamos à conclusão de que para entendermos as diversas formas de luto é fundamental discutirmos a forma como a sociedade acolhe a pessoa com 60 anos ou mais e a maneira como essa fase da vida é vivida e percebida por quem a vive. Ainda ressaltamos que a revisão dos estudos clássicos e contemporâneos acerca do tema aqui trabalhado se mostrou importante para que, futuramente, seja possível a proposição de intervenções.

As reflexões acerca da participação familiar nos processos de luto foram, infelizmente, pouco exploradas no presente estudo. A importância que os fatores envolvendo os cuidados essenciais da pessoa com 60 anos ou mais se mostram de extrema importância, mas, no escopo deste trabalho tal aprofundamento não foi possível.

Em trabalhos futuros é fundamental uma abordagem profunda envolvendo o estudo sobre os cuidados essenciais com a pessoa de 60 anos ou mais. Investigações que proponham alterações na forma como a sociedade encara esse grupo social são de extrema importância para o desenvolvimento de uma sociedade justa e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BOSSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. 7ª edição. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos; SAMCZUK, Milena Lieto; BONFIM, Tania Elena. O conceito psicanalítico do Luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. 2013 disponível em: pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092013000200007.

CONCERTINO, Jamille Mamed Bonfim; VIANA, Terezinha de Camargo. A Velhice e a morte: reflexões sobre o processo do Luto. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*. 2011 disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018>.

DALMOLIN, Daniela 2019. O envelhecer e os seus diferentes contextos. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/5797>

DOMINGUES, Rafaela de Campos; FREITAS, Joanneliese de Lucas. A Fenomenologia do corpo no envelhecimento: diálogos entre Beauvoir e Merleau-Ponty. 2019, disponível em: <https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e8001>.

FREUD, Sigmund; Luto e Melancolia. (1915).PDF

GIACOMINI, Karla Cristina; SANTOS, Waagner Jorge, FIRMO, Josélia Oliveira Araújo. O luto antecipado diante da consciência da finitude: A vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de morrer. Disponível em *ciência e saúde coletiva* 2013.

GOLDEMBERG, Mirian. *A bela velhice*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

HOFFMANN, Cristina 2015. O processo de envelhecimento no Brasil: e os desafios para a saúde

IBGE. Resultados da Amostra do Censo Demográfico 2000 – 2010 – Malha Municipal digital do Brasil: situação em 2001. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm>>

KREUZ, Giovana; FRANCO, Maria Helena Pereira. O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento – Revisão sistemática de literatura. *Arquivos Brasileiros de psicologia*, 69 (2), 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672017000200012&lng=pt&nrm=iso.

KREUZ, Giovana; TINOCO, Valeria. O luto antecipatório do idoso acerca de si mesmo. 2016 disponível em: Revista Kairós Gerontologia, 19 (nº Especial 22, “Envelhecimento e Velhice”), pp.109-133.ISSNe2176-901X.São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPEQPEPGG/PUC-SP.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. Sobre a Morte e o Morrer. 1ª edição. São Paulo, Martins fontes, 1981

OLIVEIRA, João Batista Alves; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. 2008 disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200003>

SARTORI, Adriana C.R.; ZILBERMAN, Monica L., Revisitando o conceito de síndrome do ninho vazio. 2016.